

Dossiê – II Seminário Sankofa**“Descolonização e Racismo: atualidade e crítica”****“Neocolonialismo: Um Conceito Atual?”***Wilson do Nascimento Barbosa¹*

1. Introdução

Boa noite, caros colegas. Aqui estamos uma vez mais, num seminário do NEACP e da revista SANKOFA. Trata-se, como sempre, de um balanço anual dos debates do Núcleo, o exame das ideias que estiveram em foco no período. Entre tais ideias, o neocolonialismo. A pergunta: é um conceito atual? Penso que sim. Tudo que pode explicar a vida que estamos vivendo, tem atualidade. Recapitulemos: colonialismo, neocolonialismo. *Colonialismo* vem da palavra *colônia*. Na Alemanha, há uma grande cidade no sul, que se chama KÖLN, ou seja, “Colônia”. Ela foi primeiro um acampamento de legião romana. Mais tarde, os soldados romanos que eram reformados, ganhavam ali lotes e iniciavam uma vida de agricultores, comerciantes, etc. Servia como um posto avançado da política e dos costumes, ou seja, da cultura romana, entre os germânicos. Os romanos tinham este hábito de distribuir lotes de terra no território conquistado – ou de seus inimigos – criando no meio deles uma camada camponesa pertencente ao Estado romano. Isso era instrumento de sua dominação e de sua aculturação do outro.

Os romanos herdaram semelhante política dos antigos gregos. Os gregos formavam colônias em territórios alheios, para impor sua população e seus interesses ali. Os gregos aprenderam tais práticas dos assírios. Os assírios apertavam tanto a vida dos povos dominados que definiam até que tipo de atividades as suas vítimas podiam praticar. Temos, portanto, algo aqui. O colonialismo não é coisa nova. É coisa velha. Já existia há três mil anos atrás. Ele não é algo ao acaso. Trata-se de uma política de um Estado. Beneficia um povo contra outro povo. Enriquece a classe dominante do povo explorador do outro. Há uma cumplicidade na nação dominadora, contra a nação dominada. Sendo arma de um povo contra outro, não é “apenas” um “problema social” e “econômico”. É fundamentalmente um problema étnico e cultural. Tal política acaba jogando para baixo as etnias, as economias e as culturas dos povos que foram *dominados* e, em seguida, *colonizados*.

¹ Professor Titular aposentado de História Econômica – História/USP. Coordenador do NEACP-USP e do NEPHE-USP.

2. Colonialismo e Neocolonialismo

A colonização assíria da Palestina foi colonialismo; a colonização grega no Mar Negro foi colonialismo; a colonização romana no Norte da Itália, na Gália, na Espanha, na Alemanha, foi colonialismo; as cruzadas europeias na “Terra Santa” foram colonialismo; a conquista e ocupação da África e da Índia foi colonialismo; a ocupação por Espanha e Portugal da América foi colonialismo, etc. Agora, têm importância distinguir situações históricas, mudanças ocorridas que modificam o conteúdo das coisas. Pode-se falar de um colonialismo velho, anterior à chamada revolução industrial, e de um colonialismo novo, ligado às necessidades da revolução industrial.

O velho colonialismo estava baseado no capital mercantil. O Estado dele resultante era mais fraco e as situações históricas por ele geradas eram mais instáveis. O novo colonialismo viu-se baseado no capital industrial. Como explicava Hobsbawm, ele precisa não só retirar riquezas da colônia e acumulá-las na metrópole, como vender quantidades consideráveis de produtos industriais para as populações colonizadas. Portanto, o novo colonialismo não pode apenas desorganizar as sociedades e suas vítimas, retirando-lhes tudo que possa transformar em *mercadoria*, inclusive a pessoa humana. O novo colonialismo precisa organizar a sociedade das vítimas, para ter a mesma – ou quase a mesma cultura – do explorador. Só assim ele – a vítima – deixará de ser um *explorado passivo* e irá se transformar em um *explorado ativo*. Isto é, um explorado que apóia e coopera com o neocolonialista para a destruição de sua própria cultura e de sua própria nação. Os efeitos da revolução industrial criaram, portanto, a necessidade do neocolonialismo. E enquanto permanecer a *relação de forças* por ela gerada em nível mundial, o conceito de neocolonialismo será atual. Ele corresponde a toda uma etapa histórica da sociedade. A partilha da África no final do século XIX é um momento do neocolonialismo. A abolição da escravidão no Brasil é um momento do neocolonialismo. A negação dos direitos dos negros e dos indígenas na América Latina é outro momento do neocolonialismo, etc. O Estado mais forte da sociedade industrial permite não só colonizar as terras do outro, mas de *modo plural*, a alma do outro. Isso pode ser feito hoje pelo rádio, pelos jornais, pela mídia em geral e não como era antes, apenas pela *catequese* e pelas mercadorias. Veja o apetite dos jovens pelas Ferraris e você começará a entender o que é neocolonialismo.

3. Tristes Exemplos Atuais

Foi julgado em Nuremberg – o tribunal dos crimes contra a humanidade dos nazistas – um advogado de 45 anos (em 1946). Chamava-se Hans Frank. Observe-se que era um advogado, isto é, um homem treinado nas leis e, talvez, no que é certo e no que é errado. Hans Frank era um dos chefes da máquina de massacre dos nazistas. Quando era *gauleiter* (governador) da Polônia ocupada, respondeu certa feita uma reclamação da cúpula nazista *Heydrich* que faltava comprovação documental do genocídio dos poloneses. Frank respondeu: “Se eu tivesse que emitir uma folha de papel para cada indivíduo de raça polonesa que faço executar, faltaria madeira nas florestas da Polônia para produzir papel [...]”

Segundo os nazistas, Hans Frank mandou executar cinco milhões de poloneses. Embora a sua resposta a *Heydrich* tenha o som clássico do “jogo para arquibancada” tão ao gosto dos chefes nazistas, cinco milhões não é um “mau desempenho” colonizador.

Quando interrogado em Nuremberg sobre a execução de 2,5 milhões de judeus em Auschwitz, Hans Frank declarou: “Execução? Nunca ouvi falar em execuções. Os judeus iam ali (Auschwitz) para trabalhar.”

O campo de extermínio ficava a dez quilômetros da casa de Frank na Polônia. Segundo ele, nem lhe chegaram rumores de torturas, ou execuções. Quem pode crer? Frank foi quem ordenou o corte de abastecimento de víveres do gueto (que ele transformara) de Varsóvia. Como se vê, os atos dos neocolonialistas, além de negarem a condição ou qualquer traço de igualdade humana a suas vítimas, também se caracterizam pela ausência de moral, com traços psicopatas de uma suposta superioridade.

Veja-se um outro exemplo. Um jornal de São Paulo, que emprestava camionetes para o DOI-CODI fazer emboscadas durante a ditadura, escreveu no dia 19 de novembro passado, este ano:

MATO GROSSO DO SUL

Pistoleiros atacam a tiros acampamento de índios caiovás

De Curitiba e de Brasília. – O líder guarani-caiová Nísio Gomes, 59, foi atacado a tiros ontem de manhã por homens encapuzados, entre as cidades de Amambaí e Ponta Porá, na região sul de Mato Grosso do Sul.

Segundo testemunhas ouvidas pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e pelo Cimi (Conselho Indigenista Missionário), Gomes morreu e seu corpo foi levado numa caminhonete pelos pistoleiros.

O corpo não havia sido encontrado até a noite de ontem, mas peritos policiais afirmaram ter encontrado sangue humano no local onde o corpo teria caído. Também confirmaram que o corpo foi arrastado.

Índios disseram ainda que uma mulher e uma criança também foram mortas e tiveram seus corpos levados pelos invasores. A Funai de Ponta Porá não havia confirmado a informação até o fechamento desta edição: considera os dois desaparecidos.

Equipes da Polícia Federal de Dourados e Campo Grande foram deslocadas até o local para investigar o crime. (Folha de São Paulo, Caderno A, página A8 – 19/11/2011)

A maneira como a “notícia” é redigida recorda muito as respostas de Frank, de Goering e de Julius Streicher em Nuremberg. Quem vê as “sortidas” nos morros do Rio de Janeiro para combater “bandidos” do “narcotráfico”, perceberá as táticas da limpeza étnica mal disfarçadas, que dão continuidade às campanhas de D. João VI para exterminar os quilombos e os quilombolas, naquela região.

Outro dia, segundo o mesmo periódico do DOI-CODI, ou seu aliado, (sexta, 18/11/2011) em artigo da coluna Tendência e Debates, de nome “Militarização e Privatização”, lia-se o seguinte:

“À Rádio Bandeirantes, o reitor afirmou em 2010, que a USP era como “os morros do Rio” e que requeria uma intervenção como a do Haiti”.

Tratando-se como hipótese verdadeira o que está escrito no dito periódico, um outro advogado – desta feita não é Hans Frank – indica com tal tese: (a) desprezo étnico pelo povo haitiano, e, talvez por certa parte da USP; (b) aprovação da política de massacre em guetos e favelas; (c) falta de solidariedade humana para com seus subalternos; e (d) suposta superioridade, alicerçada na diferença quanto ao outro.

Não há dúvida que existe uma luta entre duas culturas no Brasil. Poucas dúvidas podem restar quanto ao estranhamento do outro, sua criminalização desde fora, e tudo isso a se relacionar com políticas antidemocráticas de extermínio. Trata-se da continuidade das políticas de dominação, que ignora em todos os aspectos a humanidade das vítimas. É o bom e velho NOVO COLONIALISMO e sua proverbial insensibilidade. Sim, debater o neocolonialismo é uma questão atual. Isso porque ele se dá aqui e agora.

4. Neocolonialismo e Democracia

O pressuposto da vida democrática é incompatível com o colonialismo e o neocolonialismo. A democracia é plural. O conjunto da sociedade deve espelhar – necessariamente – a diversidade da condição humana. Cada subconjunto que ali se forma, dá-se de forma espontânea, a expressar aproximações e afastamentos de base étnica e cultural que dispensam a intervenção daquilo que lhe é diferente.

Já a mentalidade dominadora vê aí a necessidade de intervir, de corrigir e particularmente exercer contra tais subconjuntos um poder que a eleve acima de todos. O neocolonialista se julga superior porque um dia escravizou o outro, ou o prendeu, ou

matou-lhe um ancestral. Tal ato criminoso, para ele, geraria a perpetuidade de uma superioridade. Não pode levar à convivência democrática.

O saudoso Jackson do Pandeiro tem uma música que expressa os desejos do “educador” parafascista.

17 na Corrente

Macaco não é valente
Dança aí 17 na corrente (refrão)
Uma viagem que fiz pelo Amazonas
Num arvoredor eu parei para descansar
Me jogaram uma pedra no lugar
Eu olhei, não vi nada ali perto
Com distância de 10 a 12 metros
Um guariba surgiu na minha frente
Com coragem enfrentei o descontente
Venci na luta e a ele eduquei
Minha ordem para ele é uma lei,
Dança aí 17 na corrente...

(refrão)

Tendo eu dominado este vivente
Hoje ele vive amarrado pelo meio
Eu trabalho com ele e não receio
Dança aí 17 na corrente

(refrão)

Ele hoje é bastante educado
Fuma, toca e sabe até dançar
Já faz pose e tem ginga no andar
E conversa comigo por aceno
Faz careta e fica se mordendo
Se um loura passar e não falar
Ele diz que o dia é de azar
E reclama por não estar decente
Já não briga e respeita toda a gente
Dança aí 17 na corrente

(refrão)